

Aprender e ensinar: aproximações e diferenças entre Sócrates e Simón Rodríguez

Alice Pessanha Souza de Oliveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
alicepessanha11@hotmail.com

Resumo:

Por que relacionar Rodríguez com Sócrates? Talvez essa a primeira pergunta que devemos pensar. Sócrates, assim como Rodríguez se tornou um personagem conceitual de muitos autores, temos o Sócrates de Platão, o Sócrates de Aristófanes. Talvez poderíamos dizer que Sócrates não tenha sido um só, mas vários. Com Rodríguez isso ocorre de maneira semelhante. Temos diversos Rodríguez, o mestre de Bolívar, o grande Revolucionário, o sonhador utópico. Alguns dos trabalhos sobre o caraquenho demonstra um esforço histórico ao resgatar documentos para afirmar quem foi. Outros, no entanto, não se preocupa tanto com as análises documentais. Os dois filósofos parecem ter também suas diferenças, Sócrates se orgulha de nunca ter saído de Atenas, salvo em situação de Guerra. Rodríguez, ao contrário, era um errante. Sócrates, quando acusado decide ficar e enfrentar a injustiça que cometiam contra ele. Rodríguez, poderíamos dizer que passa a vida fugindo, de um lugar para o outro. Esse trabalho tem por objetivo pensar o aprender e o ensinar a partir das aproximações e das diferenças entre Sócrates e Simón Rodríguez. Para pensarmos o tema desse artigo iremos abordar a forma como viveu o caraquenho, sua vida ao longo dos seus mais de 80 anos, as escolas que construiu e a filosofia que forjou. Uma filosofia que prega pela invenção de uma América outra sem as mazelas das desigualdades, da subjugação do ser humano pelo ser humano e pelo direito de todos a uma educação de qualidade.

Palavras chave: Aprender, Ensinar, Invenção, Simón Rodríguez, Sócrates.

Resumen:

¿Por qué relacionar a Rodríguez con Sócrates? Quizás esa sea la primera pregunta en la que deberíamos pensar. Sócrates, así como Rodríguez se convirtió en un personaje conceptual de muchos autores, tenemos al Sócrates de Platón, el Sócrates de Aristófanes. Quizás podríamos decir que Sócrates no fue solo uno, pero muchos. Con Rodríguez esto sucede de manera similar. Tenemos a varios Rodríguez, el maestro de Bolívar, el gran revolucionario, el soñador utópico. Algunas de las obras sobre el Caraqueño demuestran un esfuerzo histórico por recuperar documentos para afirmar quién era. A otros, sin embargo, no les preocupan tanto los análisis de documentos. Los dos filósofos también parecen tener sus diferencias, Sócrates se enorgullece de no haber salido nunca de Atenas, excepto en una situación de guerra. Rodríguez, en cambio, era un vagabundo. Sócrates, al ser acusado, decide quedarse y afrontar la injusticia cometida contra él. Rodríguez, podríamos decir que se pasa la vida huyendo, de un lugar a otro. Este trabajo tiene como objetivo pensar en el aprendizaje y la enseñanza desde los enfoques y diferencias entre Sócrates y Simón Rodríguez. Para reflexionar sobre el tema de este artículo,

abordaremos la forma en que vivió el Caraqueño, su vida a lo largo de sus más de 80 años, las escuelas que construyó y la filosofía que forjó. Una filosofía que predica la invención de una América, otra sin los males de las desigualdades, del sometimiento del ser humano por el ser humano y el derecho de todos a una educación de calidad.

Palabras clave: Aprender, Enseñar, Invenção, Simón Rodríguez, Sócrates.

Abstract:

Why relate Rodríguez to Socrates? Maybe that's the first question we should think about. Socrates, just as Rodríguez became a conceptual character of many authors, we have Plato's Socrates, Aristophanes' Socrates. Perhaps we could say that Socrates was not just one, but many. With Rodríguez this happens in a similar way. We have several Rodríguez, the master of Bolívar, the great Revolutionary, the utopian dreamer. Some papers about Rodríguez demonstrate that a historic effort to retrieve documents to affirm who he was. Others, however, are not so concerned with document analyses. The two philosophers also seem to have their differences, Socrates is proud of never having left Athens, except in a situation of war. Rodríguez, by contrast, was a wanderer. Socrates, when accused, decides to stay and face the injustice committed against him. Rodríguez, we could say that he spends his life running away, from one place to another. This work aims to think about learning and teaching from the approaches and differences between Socrates and Simón Rodríguez. In order to think about the theme of this article, we will approach the way the Rodríguez lived, his life over his more than 80 years, the schools he built and the philosophy he forged. A philosophy that announce the invention of an America, a different America without the ills of inequalities, of the subjugation of the human being by the human being and the right of all to a quality education.

Keywords: Learning, Teaching, Invention, Simón Rodríguez, Socrate.



Introdução

Por que relacionar Rodríguez com Sócrates? Talvez essa a primeira pergunta que devemos pensar.

Sócrates, assim como Rodríguez se tornou um personagem conceitual de muitos autores, temos o Sócrates de Platão, o Sócrates de Aristófanes. Talvez poderíamos dizer que Sócrates não tenha sido um só, mas vários. Com Rodríguez isso ocorre de maneira semelhante. Temos diversos Rodríguez, o mestre de Bolívar, o grande Revolucionário, o sonhador utópico. Alguns dos trabalhos sobre o caraquenho demonstra um esforço histórico ao resgatar documentos para afirmar quem foi. Outros, no entanto, em uma análise mais livre, não se preocupa tanto com as análises documentais.

Os dois filósofos parecem ter também suas diferenças, Sócrates se orgulha de nunca ter saído de Atenas, salvo em situação de Guerra. Rodríguez, ao contrário, era um errante, vive a sua vida em marcha por países das Américas e da Europa. Sócrates, quando acusado decide ficar e enfrentar a injustiça que cometiam contra ele. Rodríguez, poderíamos dizer que passa a vida fugindo, de um lugar para o outro. Por onde passar faz escolas, leciona, mas ainda assim foge, segue para outras cidades.

Esse trabalho tem por objetivo pensar o aprender e o ensinar a partir das aproximações e das diferenças entre Sócrates e Simón Rodríguez. Para pensarmos o tema desse artigo iremos abordar a forma como viveu o caraquenho, sua vida ao longo dos seus mais de 80 anos, as escolas que construiu e a filosofia que forjou. Uma filosofia que prega pela invenção de uma América outra sem as mazelas das desigualdades, da subjugação do ser humano pelo ser humano e pelo direito de todos a uma educação de qualidade.

Sócrates, por sua vez, nos fará pensar sobre a relação aprender x ensinar. É importante lembrar que a relação Sócrates x Simón Rodríguez já é antiga, ela apareceu pela primeira vez com Bolívar, seu mais famoso discípulo, em uma carta datada de 8 de dezembro de 1823. Quando o discípulo chama seu mestre de “o Sócrates de Caracas”.

Mas quais os fundamentos de Bolívar? O que teria feito Rodríguez em sua vida para ter recebido o apelido de seu discípulo? No presente artigo temos por objetivo continuar com essa relação, pensá-la de diferentes maneiras.

A pergunta inicial desse artigo nasceu a partir dos estudos em Simón Rodríguez. Nos parece correto afirmar que o que ensinava Rodríguez era sobre matérias escolares, sobre fazer

escolas e maneiras de compreender a educação. No entanto, não teria ele ensinado sobre a invenção? Ou melhor, a maneira como viveu a sua vida não teria possibilitado que outros aprendesse com ele sobre a invenção?

Desse modo, algumas perguntas que perpassam a escrita são: Pode-se aprender sem que ninguém nos ensine? Pode-se ensinar algo que não se aprende? O que aprendemos quando alguém nos ensina? O que significa ensinar? O que significa aprender? O que ensina aquele que ensina? O que se aprende com aquele que ensina? O que aprende aquele que ensina? O é preciso saber para ensinar?

Ora, talvez o aprender e o ensinar não tenha uma relação tão próxima. Quiçá aprender não é sobre um conteúdo, mas sobre uma relação específica com o mundo no qual vivemos. Por isso pensar com Sócrates. O filósofo grego nos parece trazer outras maneiras de compreender o aprender e o ensinar.

Para isso, esse trabalho será dividido em três momentos, o primeiro consiste em apresentar Simón Rodríguez. Iremos abordar a vida, a filosofia e a obra educacional do filósofo educador. Mais especificamente trabalharemos com seu conceito de invenção e erro e apresentaremos sua escola em Chuquisaca.

Para essa primeira parte utilizaremos as seguintes obras: *Simón Rodríguez: Maestro de América* (2009) sua clássica biografia escrita por Alfonso Rumazo González, *Cartas* (2001) sua compilação de cartas com um ensaio de Andrés-Lasheras; *Simón Rodríguez: una filosofía de la radical novedad* (2016) de Maximilano Durán, *Obras Completas* (2001) de Simón Rodríguez, *Manifiesto por um escola filosófica popular* de Maximilano Durán e Walter Kohan e por fim a edição brasileira de *Inventamos ou Erramos* (2016) uma compilação com diferentes publicações educacionais de Simón Rodríguez.

A segunda parte tem por objetivo pensar quais relações podemos traçar entre o aprender e o ensinar. Para isso utilizaremos dois diálogos de Platão, *Alcíades* e *Apologia de Sócrates* para pensarmos duas maneiras de compreender o aprender e o ensinar, a primeira como transmissão de conhecimento, a segunda o ensinar sem saber conteúdo específico.

A *Filosofia como maneira de vida* (2001) de Pierre Hadot irá nos auxiliar a pensar que tipo de filósofo era Sócrates e se ele nada sabia o que poderiam seus discípulos aprender com ele.

Por fim abordaremos as aproximações e diferenças que podem ser traçadas entre Simón Rodríguez e Sócrates, a partir da filosofia como maneira de vida em Pierre Hadot e das práticas educativas de Sócrates e Simón Rodríguez. Para que a relação entre os dois filósofos seja



possível vamos retornar à abordagem feita na primeira parte desse artigo, isso é, retornaremos as passagens elucidadas quando apresentamos a filosofia, a obra e a vida de Simón Rodríguez para pensar sobre o que de fato o professor caraquenho ensinava. Não apenas em suas aulas, mas também, e principalmente, a partir de seu modo de vida filosófico e a partir de suas obras educacionais. Pensaremos assim uma aproximação não com os ditos de Sócrates, mas com o modo em que o ateniense vivia uma vida igualmente filosófica.

Um pouco da vida de Simón Rodríguez

Simón Rodríguez, nasceu na cidade de Caracas no final do século XVIII, quando esta ainda era colônia espanhola. Se tornou professor de primeiras letras em sua cidade natal no ano de 1791 (LASHERAS, 2001). Rodríguez viajou grande parte de sua vida passando pelas Américas e pela Europa, viveu momentos históricos como a França de Napoleão e a independência de parte da América Latina.

A vida de Simón Rodríguez é marcada, ao menos, por dois gestos - aprender e ensinar. Seus destinos são diversos, Jamaica, Estados Unidos, Rússia, França, Alemanha, Itália, Inglaterra, Colômbia, Peru, Equador, Polônia, dentro outros. Rodríguez sai de Caracas, porque ali já não havia espaço para ensinar, o mesmo ocorre quando parte de Chuquisaca, cerca de 30 anos depois. Ao sair de sua cidade natal vai ao encontro de aventuras, vai onde tem algo a aprender (CARTA N°7), mas onde aprende também ensina, por isso viaja.

Aprende inglês na Jamaica, francês na França, mas também ensina o espanhol e a aritmética (LASHERAS, 2001; DURÁN, 2016; RODRÍGUEZ, 2016). No entanto, não vai aprender e ensinar apenas sobre línguas e matemática. Vai ver uma outra França nascer com Napoleão, uma outra Prússia se fazendo possível com Frederico II. Sobre isso Lasherás nos diz:

As mudanças introduzidas e as instituições criadas por Catarina II na Rússia, Frederico II na Prússia e o Grande Duque da Toscana na Itália, José II na Áustria e os príncipes Czartorvski na Polônia justificavam plenamente para um homem como Rodríguez, cuja única paixão nesses anos era aprender, o viajar enfrentando o desconhecido para estudar *in situ*. Os resultados das observações destas viagens serviram para enriquecer amplamente o aprendizado na França, sua base de operações, e o que já conhecia ao chegar na Europa sobre os novos movimentos sociais e educativos tanto de Caracas quanto na Península. (ANDRÉS-LASHERAS, 2001 p. 36 e 37 *tradução nossa*)

É curioso notar que Rodríguez nunca pisou na Espanha nem nunca retorna em vida para Caracas. O motivo não se sabe ao certo, apesar de alguns de seus comentadores afirmarem que assim procedia por razões políticas, já que ele lutava por uma América Espanhola livre e independente. De modo que adentrar a metrópole poderia acarretar um risco para sua vida (LASHERAS, 2001).

Uma hipótese política que justificaria o fato de nunca ter retornado à Caracas se dá no ano de 1794 quando o *cabildo*, autoridade local, solicita a Rodríguez um relatório que mostrasse a situação da escola na cidade. No relatório, duro e sincero, com ideias educacionais baseadas no iluminismo espanhol (DURÁN, 2016), Rodríguez afirma o abandono da escola pública e a necessidade de se dar à ela mais atenção. As ideias, no entanto, que incluía, dentre outras coisas, a ampliação de 1 para 4 escolas é rejeitada pelo Gabinete Real (LASHERAS, 2001).

O fato é que no ano de 1794 Rodríguez inicia suas aventuras filosóficas educacionais, seja pela recusa de sua proposta ou por ter fugido como um revolucionário. Nos parece que, dentre suas aventuras, sua mais emblemática obra educacional tenha sido *Colégio de Meninos Órfãos e Carpinteiros*.

No ano de 1826 no antigo Convento de San Agustín (MAZILÃO FILHO, 2017) Rodríguez constrói, enquanto ministro do governo de Sucre, aquela que seria o modelo de suas Escolas Sociais, escolas pensadas para as novas sociedades republicanas. No entanto, a escola não durou mais que seis meses, foi destruída durante uma viagem para a construção de outra escola no mesmo modelo, próximo dali.

Mas o que oferecia de perigo uma escola a ponto de precisar ser destruída pelos seus opositores?

Apesar da independência política, a mentalidade colonial ainda ditava as regras sociais. De modo que, além de inventar uma educação outra, foi necessário o enfrentamento dos preconceitos locais, que não admitiam o sistema educacional do educador.

A escola de Chuquisaca era diferente de todas as outras até então. A primeira diferença é que ela não aceitava em seu interior o sistema de castas.

A colônia espanhola era segregada em diversas castas, dentre elas tínhamos: indígenas, *criollos*, *cholos*, negros, zambos, mulatos, peninsulares etc. (DURÁN, 2010). As escolas, inseridas nesse sistema, seguiam esses mesmos critérios. Existiam escolas para espanhóis, para filhos dos espanhóis nascidos na América, para brancos pobres, para indígenas

etc. É importante ressaltar que a princípio todos poderiam ir à escola, salvo aqueles que se encontrava na casta dos negros (DURÁN, KOHAN, 2018).

Assim, percebemos que durante o século XIX, ainda no período colonial, já existia uma proposta de educação para as diversas castas, o que não significa dizer que existia escola para todos, ainda que a ideia de uma escolarização fosse importante para a manutenção da colônia. Ou seja, ainda que não houvesse escola para todos, cada etnia recebia uma educação segundo a posição social que se encontrava. Os mais pobres, por exemplo, iam para a escola onde aprendiam os primeiros ofícios, as meninas aprendiam a bordar e costurar e os meninos a carpintaria e marcenaria (RODRÍGUEZ, O.C. t.I).

Rodríguez, por sua vez, subverte a organização de castas e aceita a todos em sua escola. O motivo: todos são cidadãos e iguais. Como ele mesmo afirma em suas obras completas: “Educação para todos, porque todos são cidadãos” (Ob.Com., t.I 1999).

Assim, todos podem adentrar a sua escola: *cholos*, negros, indígenas, peninsulares, *criollos*, meninos e meninas. Não há distinção entre as crianças, todas são bem-vindas. Além disso quebrava paredes, abria janelas entre as salas, para que meninas e meninos mantivessem comunicação (RODRÍGUEZ, O.C. t.I).

Entretanto, não é apenas a lógica de castas que é subvertida pelo educador. Aquilo que era ensinado em sua escola também difere do era ensinado até então. Na escola construída por Rodríguez era ensinado a aritmética, o espanhol, mas era igualmente ensinado marcenaria e quéchua, língua indígena local (RODRÍGUEZ, 2016).

Assim, o que faz é subverte a lógica de ensino. Pois não apenas expande o conhecimento da elite aos abandonados da terra, como também universaliza o conhecimento das castas dos mais pobres economicamente, disponibiliza para todos o trabalho manual e o ensino da língua nativa.

A decisão de Simón Rodríguez não é infundada, ela está de acordo com duas máximas do filósofo, a de que é preciso habitar a terra com seu povo, por isso a língua indígena, por isso disponibilizá-la para todos. Segundo a de que é necessário trabalhar (RODRÍGUEZ, 2001). O trabalho manual, porém, vem sendo atribuído aos mais pobres, que na grande maioria das vezes não possuem condições de estudar, executando seu trabalho sem o conhecimento da técnica.

As artes mecânicas estão nesta cidade e mesmo em toda a Província como vinculadas aos pardos e morenos. Eles não possuem quem os instrua; a escola das crianças brancas não podem frequentar: a pobreza os faz se aplicar desde a mais tenra idade ao trabalho e nele adquirem



prática, porém não técnica: faltando a eles esta, procedem em tudo com habilidade; uns se fazem professores de outros, e todos não foram ainda nem discípulos; com exceção de alguns que por maior aplicação realizaram a sua instrução à força de uma penosa tarefa. (RODRÍGUEZ, 2016, p. 38)

A construção de sua escola está igualmente de acordo com suas ideias sobre a invenção, de fazer diferente, de fazer aquilo que jamais foi feito até então. Rodríguez afirma a necessidade de inventar em seu escrito *Conselhos de amigo, dados ao Colégio de Latacunga*, escreve Rodríguez:

a AMÉRICA está chamada,
pelas circunstâncias, a empreendê-la
atrevido paradoxo parecerá....
...não importa...
os acontecimentos irão provando
que é uma verdade muito óbvia
a América não deve IMITAR servilmente
mas ser ORIGINAL.
(RODRÍGUEZ, p. 215, 2016)

De fato, foi o que o caraquenho fez, ele foi capaz de inventar. A escola de Chuquisaca foi uma escola jamais vista até então. Durán e Kohan afirmam em seu livro *Manifesto por uma educação filosófica popular* (2018) que a escola construída por Simón Rodríguez no ano de 1826 é na verdade a *invenção da escola filosófica popular*.

Logo, a escola feita por Rodríguez pode ser considerada como um ameaça para a ordem vigente e conseqüentemente para aqueles que, apesar da independência política, querem mandar a organização social da colônia. A escola de Rodríguez não é apenas uma escola, no sentido institucional, mas um lugar capaz de perturbar a ordem vigente.

Assim, é importante perceber três pontos em relação aos escritos de Rodríguez, o primeiro é que eles são publicados apenas após o fracasso de sua escola em Chuquisaca.

Segundo que não se trata de escritos feitos anteriormente a sua prática, mas ao longo dela. Lasheras relata em seu ensaio que Rodríguez seguia viagem com dois baús, onde carregava seus escritos, de modo que a escrita do mestre caraquenho era feita ao longo de suas viagens, na medida em que seguia sua errância pelos caminhos que tomava, escrevia suas errâncias que viriam a ser um dia publicadas, quando sua prática já não fosse mais possível.



Um terceiro ponto que nos parece ser importante é a transformação no pensamento de Rodríguez ao longo de sua vida. Alguns comentadores colocam o pensamento do autor como linear, afirmando que sua genialidade esteve sempre ali, é o caso de Gonzalez (1976; 2001). Longe de afirmar que Rodríguez não tenha sido um gênio desde a sua estadia em Caracas, afirmamos que seu pensamento passou por transformações possíveis apenas pela abertura que possuía em relação a vida.

Um sinal evidente disso é a sua escrita¹, o primeiro escrito que temos de Rodríguez, quando este ainda estava em sua cidade natal é de uma estética completamente diferente dos escritos posteriores. O fato atribuído a isso é uma vivência que o professor teve como datilógrafo em sua passada pelos Estados Unidos da América.

No entanto, não se trata de afirmar quem vem primeiro, a escrita ou a prática, percebemos que escrita e prática caminham juntas, se fazem juntas. A escrita é capaz de transformar sua prática, como no caso da necessidade de se aprender a arte do trabalho manual. A prática também modifica sua escrita, como percebemos com a radicalidade de se inventar e na estética de seus textos.

Diríamos então, que não apenas teve uma vida a partir da invenção, como a estética de sua escrita participou do mesmo processo de invenção que suas ideias e sua vida.

Assim, percebemos que as viagens de Simón Rodríguez são marcadas pelas práticas da aprendizagem e do ensino, aprende línguas, correntes filosóficas, formas de compreender a educação. Igualmente ensina, ensina idiomas, história do pensamento, primeiras letras. No entanto, para além do que ensinava e aprendia Rodríguez afirma uma postura em relação a vida, ele afirma a necessidade de inventar. E de fato inventa, inventa em suas obras educacionais, inventa em sua filosofia, em sua educação, jamais vista pelas Américas.

Entre o aprender e o ensinar

O problema do aprender é um problema antigo na filosofia, sobretudo quando queremos pensar a educação. Diz-se muitas vezes que não é possível ensinar a filosofar, apenas a história do pensamento filosófico. Sócrates, nesse sentido, nos parece ser um interessante personagem para pensar o problema do ensinar – aprender. A pergunta que nos guiará nesse momento é: o que ensina Sócrates? Pergunta que se desdobrará em outras tais como: o que é o ensinar para Sócrates? O que sabe o filósofo grego? O que aprende seus discípulos com ele?

¹ Podemos averiguar isso ao longo desse artigo com as citações das passagens de Simón Rodríguez.



Para pensarmos essas perguntas iniciaremos com um trecho de sua *Apologia* na qual Sócrates afirma nunca ter sido mestre de ninguém:

O fato é que nunca ensinei pessoa alguma. Se alguém deseja ouvir-me quando falo ou me encontro no desempenho de minha missão, quer se trate de moço quer de velho, não lhe crio dificuldades, como não repilo os que não podem pagar, só falando para os que estiverem em condições de remunerar-me; mas me disponho a responder a todos por igual, assim os ricos como os pobres, ou, se o preferirem, a formular-lhes, perguntas, ouvindo eles o que lhes falo. Se de semelhantes práticas alguém sai melhorado ou prejudicado é o que com justiça ninguém me pode responsabilizar, pois nunca me comprometi a dar lições a quem quer que seja, como de fato nunca dei. E se alguém afirmar que aprendeu comigo ou ouviu de mim qualquer coisa em particular, que todos os outros não tivessem ouvido, bem sabeis que está mentindo. (*Apologia de Sócrates*, 33a)

Nesse sentido, poderíamos destacar alguns pontos importantes na fala do filósofo. O primeiro em relação ao ensinar como uma transmissão de conhecimento segundo a possibilidade de se receber dinheiro. Esse primeiro momento de sua fala faz menção aos sofistas, aqueles viajavam de um lugar a outro ensinando aqueles que podiam pagar pelos seus conhecimentos. A esses Sócrates não se assemelhava, pois falava com todos, nada cobrava e no sentido sofista, nada ensinava. O que fazia o filósofo era perguntas, as que fazia para um fazia também para o outro.

Ainda que nunca tivesse ensinado nada a ninguém, difícil seria afirmar que não teve discípulos, Platão, por exemplo, nos parece ter sido o maior deles. O filósofo é aquele que tudo o que sabia era que nada sabia.

Para pensarmos o não saber socrático voltaremos ao início de sua *Apologia* quando o filósofo menciona o episódio com o oráculo de Delfos, nos diz ele: “Assim, de uma feita, estando (Querefonte) em Delfos, atreve-se a consultar o oráculo. [...] Perguntou, de fato, se havia alguém mais sábio do que eu. Ora, a Pítia respondeu que ninguém era mais sábio” (*Apologia*, 21a).

Após a revelação do Oráculo inicia-se a saga de Sócrates em busca de alguém mais sábio que ele. No entanto, o que encontra, como já sabemos, são pessoas que acreditavam saber sem que nada soubessem de fato. Eis o que faz de Sócrates o mais sábio, o seu saber que nada sabe. Mas o que poderia aprender um discípulo com um mestre que apenas sabe que nada sabe?



No diálogo de Platão *O primeiro Alcibiades* (2015), Sócrates se encontra com o jovem Alcibiades que quer iniciar sua vida política. Sócrates que conhece o jovem desde muito novo se preocupa com a sua decisão, por isso vai até ele para conversarem.

Alcibiades estava certo de que deveria se dedicar a política, ocupação de sua família (FOUCAULT, 2001) e atividade que julgava conhecer muito bem. O que faz Sócrates ao longo do diálogo é fazer com que o jovem ateniense percebesse que suas certezas são frágeis e que há coisas mais importantes que cuidar da política da cidade. Antes de governar os outros é preciso que cuidemos antes de si que por sua vez faz-se necessário conhecer a si mesmo.

O filósofo ateniense afirma que muito cuidamos das coisas do corpo, mas pouco nos preocupamos com as questões da alma. Ganhar dinheiro, prestígio e honra, méritos do fazer político, é desprender cuidado com o corpo. Cuidar da alma é o verdadeiro cuidado de si. Visto que o corpo que me pertence não é aquilo que sou, cuidar dele é como cuidar do anel em seu dedo. Sendo a alma a responsável por animar o corpo, não poderíamos ser aquilo que é controlado, o corpo, devemos ser aquilo que a controla, a alma.

Sócrates não leva um método ao jovem ateniense, o que faz com ele é o mesmo que fez tantas vezes com outros nos diálogos platônicos, fazer com que se aperceba de sua ignorância.

ALCIBÍADES - Pelos deuses, Sócrates, já não sei o que falo. É possível que eu esteja há muito tempo nesse estado de ignorância, sem aperceber-me disso.

SÓCRATES - É preciso ter confiança. Se aos cinquenta anos tivesses percebido essa deficiência, difícil te seria tomar qualquer medida para remediá-la. Mas estás agora precisamente na idade em que cumpre percebê-la.

ALCIBÍADES - E os que a percebem, Sócrates, que deverão fazer?

SÓCRATES – Responder ao que te pergunto, Alcibiades. Se assim procederes e o deus o permitir – até onde posso confiar no meu oráculo – tu e eu só teremos a lucrar. (127d-e)

Assim, ainda que Sócrates saiba apenas que nada sabe. Ele é aquele que leva aos outros a perceber seu próprio não saber. Sócrates, com suas perguntas desestabiliza as verdades e os saberes do dia a dia. Ele é capaz de fazer com que coloquemos em questão, que estranhemos certezas que carregamos desde muito tempo, como é o caso do saber político de Alcibiades.

Nesse sentido, o que faz Sócrates é afirmar uma relação com a vida. Uma dimensão calcada na pergunta. Assim, Sócrates, de fato, nunca ensinou nada a ninguém, pois tudo o que fazia era perguntar. Entretanto, o filósofo é aquele que afirma a necessidade de cuidar de si.



Sócrates é aquele que deixou de cuidar de si para que os outros pudessem cuidar deles mesmos. É o cuidado de si que ele ensina aos atenienses com as perguntas que faz.

Desse modo, diríamos que Sócrates não ensina um conteúdo, mas uma maneira de se relacionar com a vida. Para pensarmos essa questão seguiremos com Pierre Hadot (2001) e seu conceito de *filosofia como maneira de vida*.

A filosofia como maneira de vida a partir de Pierre Hadot

Existem várias maneiras de compreendermos a filosofia, como um sistema de pensamento (MARCONDES, 2007) ou como a criação de conceitos (DELEUZE, 2011). Afinal, a pergunta *o que é a filosofia?* Vem sendo, desde muito tempo, uma questão filosófica.

Para essa escrita trabalharemos com o conceito de filosofia a partir de Hadot em seu livro *Philosophie comme manière de vivre* (2001). A filosofia em Hadot é entendida a partir de uma ação, de um fazer. Assim, pensar o que é a filosofia é também pensar em que consiste o filosofar.

O ponto de partida de Hadot é a filosofia antiga, segundo ele, a filosofia como maneira de vida é a filosofia praticada pelos filósofos antigos tais como Aristóteles, Pitágoras, Sócrates, os cínicos e os estoicos.

A filosofia como maneira de vida é compreendida a partir da ideia dos exercícios espirituais. Os exercícios espirituais estão relacionados com práticas como os diálogos no caso de Platão, da contemplação do caso de Aristóteles ou mesmo a um regime alimentar, como em Epicuro. As práticas espirituais tratam sobre uma maneira específica de se relacionar com a vida que se decide viver.

Hadot define exercícios espirituais da seguinte maneira: “Pessoalmente eu definiria exercício espiritual como uma prática voluntária, pessoal, destinada a operar uma transformação do indivíduo, uma transformação de si”. E mais para frente ele completa: “De fato, toda a filosofia é um exercício, tanto o discurso de ensino como o discurso que orienta nossa ação” (HADOT, p. 145, 2001 *tradução nossa*).

Ao citar Victor Goldschmidt, Hadot nos alerta que os diálogos platônicos não estavam ali para informar, mas para formar (HADOT, 2001). É nesse sentido que gostaríamos de pensar o ensinar e o aprender em Sócrates. O filósofo não poderia ter ensinado nada, se compreendemos o ensinar como a transmissão de conhecimento, ainda assim é capaz de formar.

Em Hadot, o discurso filosófico tem sua origem em uma escolha de vida, uma opção existencial que tem por função justificar racionalmente a opção existencial e a visão de mundo do filósofo. Ou seja, o discurso filosófico nasce de uma certa visão de mundo e é responsável por justificá-la (HADOT, 2009).

Ao se dirigir a Alcibíades, Sócrates afirma a necessidade de que, antes que ele se dedique a vida pública, antes é necessário que ele se dedique a si mesmo, é necessário que antes ele transforma a si mesmo.

Nesse sentido, cada escola filosófica possui um *ethos* que se aproxima de uma maneira específica de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo. A filosofia então, não seria apenas um sistema de pensamento, a análise da condição de possibilidade de um saber, mas um *ethos* específico, o da autoanálise, do cuidado com a alma, com os assuntos de si e do mundo que se habita.

Sócrates e Rodríguez: filósofos de um modo de vida

Alguns séculos separam Simón Rodríguez e Sócrates. O primeiro do final do século XVIII, tendo escrito durante a primeira metade do XIX, o segundo do século IV a. C., como sabemos, nada escreveu. Apesar das distâncias entre eles, seja de tempo, de escrita ou de vida. Rodríguez é chamado por seu discípulo, Simón Bolívar, de “O Sócrates de Caracas”. Interessante notar que quem o chama assim é um aluno. Bolívar foi seu discípulo. Aluno quando criança, viajaram juntos quando adultos, forjaram uma revolução juntos, até que a errância, presente na vida de ambos, fez com que eles tomassem caminhos diferentes.

Mas o que ligaria Sócrates a Simón Rodríguez? Talvez o estilo questionador poderia ser uma aproximação entre eles. Sócrates, como sabemos, andava pelas ruas de Atenas a conversar com quem quer que fosse, questionando aqueles que acreditavam possuir a verdade, aqueles que viviam uma vida embasada em algo que eles nem mesmo sabiam o que era. Ora, são seria esse o caso de Laques, o que se dizia o mais corajoso de todos sem saber o que era a coragem?

Rodríguez por sua vez, nos parece ensinar uma relação de questionamento semelhante a de Sócrates. No entanto, sua prática não está nos diálogos, mas na errância. Da mesma maneira que Sócrates tirava do lugar comum aqueles com quem conversava, Rodríguez, em meio a sua errância tiravam os cidadãos dos lugares comuns habitavam, foi através de sua errância que Rodríguez fez a escola em Chuquisaca deslocando as pessoas de seus lugares étnicos na sociedade. Enquanto o primeiro provocava uma errância de pensamento, através de suas perguntas, o segundo provocava uma errância a partir de sua prática educativa.



Por outro lado, Sócrates e Rodríguez possuem práticas de vida completamente diferentes. Sócrates, afirmava nunca ter sido mestre de ninguém. Rodríguez, professor desde jovem, levantou escolas e publicou alguns de seus escritos no final de sua vida.

No entanto, nos parece que se concordamos com o conceito de filosofia como maneira de vida de Pierre Hadot, se faz possível dizer que Rodríguez não apenas ensinou algo sobre as matérias que ministrava enquanto professor, mas também uma maneira de habitar o mundo.

Se a filosofia como maneira de vida é um exercício voluntário que visa a transformação de si, Rodríguez teve antes de tudo que se inventar e na medida em que se inventou foi capaz de ensinar aos seus alunos, mas também a todos aqueles que até os dias de hoje leem seus escritos que a invenção se faz necessária.

Assim, diríamos que o que ensina Sócrates e Simón Rodríguez não é apenas um conteúdo, embora o caraquenho tenha se dedicado sua vida a ensinar matérias escolares, mas uma relação específica com o mundo que vivemos. Sócrates, a partir de suas perguntas, nos ensinaria o cuidado de si e o conhece-te a ti mesmo, ou seja, uma relação de questionamento e dúvida consigo e com o mundo capaz de gerar cuidado. Rodríguez por sua vez, nos ensina com sua errância a tirar do lugar habitual as coisas do mundo e a nós mesmos, provocando uma errância em si, de modo que possamos perceber que a invenção se faz possível, que o mundo não deve ser da maneira tal como ele é.

Conclusão

Abordamos Sócrates a partir da ideia de filosofia como maneira de vida, em Pierre Hadot, do modo a constatar que sua prática filosófica a partir de *o cuidado de si e o conhece-te a ti mesmo*. Rodríguez, por sua vez teria como característica de sua filosofia como maneira de vida a errância.

No entanto, essa errância não se limita ao errar físico, mas ao errar de pensamento. Um pensamento que possui encontros e desencontros, que se torna cada vez mais radical, na medida em que avança com sua ideia de invenção, até chegar ao ponto máximo, é preciso inventar, não há outra solução senão a invenção, a invenção de si, a invenção da escola, a invenção de um outro mundo, diferente daquele que se vive, marcado pela exploração do ser humano pelo próprio ser humano, pela exploração dos recursos naturais de maneira exagerada e sem cuidado, pela negação da terra ao povo que a habita e a cultiva.

Esse é a maneira de se relacionar com o mundo que Rodríguez ensina aqueles que caminha ao seu lado, Bolívar, discípulos, estudantes e seus leitores que até hoje aprendem com

ele. Foi por essa maneira de relacionar com a vida que teve que fugir, foi impedido de entrar na última cidade, já em sua velhice, uma vida que, com toda a sua errância, afirma que vale a pena ser vivida.

Se o *ethos* formativa de Sócrates é o cuidado de si, o de Rodríguez é a invenção. Assim, o aprender é um aprender do fazer diferente, de fazer o que jamais foi feito até então. Isso o que se aprende com sua filosofia. Não o diz como fazê-lo, pois devemos nos inventar o que deve ser inventado, mas devemos fazê-lo a partir de nossas próprias vidas.

Obras consultadas

DURAN, Maximiliano. “El concepto de ciudadano en el pensamiento de Simón Rodríguez: igualdad y universalidad” *Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas*, Vol. 12 n. 1, pp. 9-21

DURÁN, Maximiliano. (2016) *Simón Rodríguez: Una filosofía de la radical novedad*. Caracas: Ediciones del Solar.

DURÁN, Maximiliano. (2008) *Infancia y Hospitalidad em Simón Rodríguez*. *Childhood & Philosophy*, v. 4, n. 7, jan-jun, pp. 83-102.

DURÁN, Maximiliano. (2017) *Locura, novedad y educación en el pensamiento político de Simón Rodríguez: un abordaje filosófico*. *Cadernos de História da Educação*, v.16, n.2, p. 525-538, mai.-ago.

DURÁN, Maximiliano; KOHAN, Walter Omar. (2018) *Manifesto por uma escola popular filosófica*. Rio de Janeiro: Nefi edições.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. (2014) São Paulo: Martins Fontes.

GONZALEZ, Alfonso Rumazo. *Ideário de Simon Rodríguez*. (2008) Caracas: Ministerio del Poder Popular para la Educación.

GONZALEZ, Alfonso Rumazo. (1976) *Simón Rodríguez: Maestro de América*. Caracas.

KOHAN, Walter Omar. (2013) *O mestre inventor*. Belo Horizonte: Autêntica.

MAZILÃO FILHO. (2017) *A política pública educacional de Simón Rodríguez para Peru e Bolívia (1824-1854)*. Tese de Doutorado, UFMG.

RANCIÈRE, Jaques. *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RODRÍGUEZ, Simón. (2001) *Cartas*. Caracas: Dirección de Publicaciones y comunicación de la UNESR.

RODRÍGUEZ, Simón. *Defesa de Bolívar*. (1916) Caracas: Imprenta Bolívar.

RODRÍGUEZ, Simón. *Inventamos ou erramos*. (2016) Belo Horizonte: Autêntica.

RODRÍGUEZ, Simón. *Sociedades Americanas*. Fundación Biblioteca Ayacucho, 1990.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Bélem: Ed. UFPA,

PLATÃO. *Primeiro Alcibiades Segundo Alcibiades*. (2015) Bélem: Ed. UFPA.

HADOT, Pierre. (2001) *La philosophie comme manière de vivre : Entretiens avec Jeannie Carlier et Arnold I. Davidson*. Paris: Editions Abel Michel.